

ESCOLA E DEMOCRACIA: O CONCEITO DE EDUCAÇÃO ESCOLAR COMO SENDO A PERTINÊNCIA DO APRENDER COM O ENSINAR*

*Rogério Rodrigues***

O objetivo deste ensaio consiste em analisar alguns apontamentos referentes ao mal-estar contemporâneo e os impasses na educação, que se apresentam nas impossibilidades na realização da tarefa educativa, na transmissão de saberes que produzem os conhecimentos que se encontram no campo da cultura escolar. Para tanto, temos como ponto central de discussão analisar as interfaces entre a escola e a democracia, principalmente, na época atual, em que se faz cada vez mais presente os elogios do uso das tecnologias de ensino, que instauram, por vez, como parâmetro do ensinar no campo escolar, como forma para a melhoria da qualidade na educação.

Entretanto, apesar desse elogio das tecnologias de ensino como forma de transmissão dos conteúdos, pouco se discute como isso pode se caracterizar como elemento de efetiva melhoria na qualidade na educação no paradoxo da destituição do sujeito intelectual como elemento central no processo do aprender e o ensinar. Isso pode se caracterizar como uma relação educativa, sem o sujeito que domine o processo educativo.

Diante deste fato, que pode se encontrar o uso das tecnologias de ensino no aprender e o ensinar, partimos da pressuposição que temos que evidenciar o elemento contraditório que se apresenta nessa didática. Para tanto, compreendemos que o conceito de qualidade da educação no uso das tecnológicas de ensino seria algo que conduz para a destituição do sujeito que deveria se ocupar como responsável em apresentar o conteúdo escolar.

* Trabalho apresentado no Colóquio Lepsi, realizado entre os dias 18 até 20 novembro de 2021, via sistema remoto. Agradecimento à Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI) e seus alunos, que durante a pandemia se mantiveram dedicados aos estudos.

** Mestre e Doutor em Educação (UNICAMP) e Professor Titular da Universidade Federal de Itajubá – UNIFEI. e-mail: rrunifei@hotmail.com

Numa perspectiva completamente oposta a essa situação, compreendemos a didática como forma de estabelecer a marca do modo de ser professor em sala de aula (RODRIGUES, 2020). Para tanto, torna-se importante a presença do sujeito como aquele que efetivamente mostra o conteúdo e conduz a atividade educativa como algo próprio, que se produz e se consome no espaço escolar como elemento imaterial. Neste contexto, o próprio conteúdo escolar é algo que se apresenta como elemento crítico em termos de apresentação e discussão, com todos os presentes que se encontram no espaço escolar, naquilo que se denominou como sendo a pedagogia histórica e crítica dos conteúdos (RIBEIRO & ZANARDI, 2021).

Na realização da atividade educativa, o conteúdo escolar apresentado na aula, na perspectiva histórica e crítica, tem a efetiva condição do sujeito na construção do conteúdo e forma, que condiz numa didática que se torna a repetição da diferença, pois a cada modo de dizer sobre o assunto em questão se apresenta numa relação de troca com os outros presentes. Essa imaterialidade da aula é que apresenta toda a riqueza do espaço escolar como lugar pertinente para a formação do sujeito crítico e plenamente participativo. Entretanto, essa condição do sujeito crítico e participativo se apresenta como forma de utopia na impossibilidade diante a distopia dos processos alienação em que ocorrem nas formas de subordinação entre o aprender e o ensinar que, por um lado, ocorrem entre aquele que manda e o outro que obedece e, por outro lado, pelo uso das tecnologias de ensino que podem anular a presença do outro no campo escolar. Logo, podemos verificar, a qualquer momento, em simples visita a sala de aula, que em grande parte das escolas esses dois elementos (a didática do mandar e obedecer e as tecnologias do ensino) se apresentam como forma hegemônica de elemento básico e organizador das formas das atividades educativas, primordialmente, como algo requisitado no campo dos processos formativos como forma de constituir o paradoxo da qualidade na educação.

Em nossa compreensão da escola como lugar da formação do sujeito crítico e participativo, há como ponto central a discussão desses acontecimentos que definem as formas de trabalho da atividade educativa em confronto direto com o paradoxo da qualidade na educação. Diante dos fatos que se hierarquizam as relações humanas na desigualdade e na apropriação destituída de crítica no uso das tecnologias de ensino isso se apresenta como algo que torna importante analisar os elementos diretamente relacionados com as nuances da pertinência do aprender com o ensinar. Portanto, no campo das relações

educativas torna-se fundamental o estudo da didática no modo de ensinar para a formação do sujeito crítico e participativo que seja aquele que se apresenta implicado em estar presente na escola e não apenas com a formalidade da presença em sala de aula. Esse estar presente de todos é algo que produz a realização da democracia no campo escolar.

Seria muito importante para uma sociedade efetivamente democrática que os processos formativos pudessem se realizar no pressuposto da igualdade de todos os presentes e na apropriação crítica daquilo que deveria ser o conhecimento comum a todos. Entretanto, resta saber se essa atividade educativa é algo que seja possível no uso das tecnologias de ensino, ou seja, seríamos capazes de reconstituir as diversas formas de didática para a transmissão crítica do conhecimento escolar? O que seria efetivamente essa condição do aprender com o ensinar na formação do sujeito crítico e participativo?

Para respondermos esses dois questionamentos o nosso ponto de partida para escrita deste ensaio consiste em analisar o conceito de educação escolar. Primeiramente, trata-se de compreender a escola como lugar de

[...] criar “tempo livre”, isto é, a materialização ou espacialização do que os gregos chamavam de *skholé*: o tempo para o estudo e o exercício a operação de fazer (conhecimento, práticas) públicas e colocar (a elas) sobre a mesa (o que também poderia ser chamado de profanação); a operação de tornar “atento” ou de formar uma atenção que se apóie em duplo amor, tanto pelo mundo como pela nova geração, e em práticas disciplinadoras, para tornar a atenção e a renovação possíveis. A escola (como forma pedagógica) consiste, então, em uma associação de pessoas e coisas como um modo de lidar com, prestar atenção a, cuidar de alguma coisa – obter e estar em sua companhia – na qual esse cuidado implica estruturalmente uma exposição (MASSCHELEIN, Jan & SIMONS, 2021, p. 21-22).

Neste contexto, partimos da pressuposição da função emancipadora da escola, que se apresenta como lugar ou espaço em que ocorre a atividade educativa. Para tanto, requer como forma básica a presença do sujeito com tempo livre. Isso se torna elemento fundamental para a realização do trabalho escolar daquele que tem a responsabilidade e a autoridade de mostrar algo para o outro e, principalmente, um lugar que se tem tempo para aprender e ensinar. Isso seria o momento do aprender com o ensinar nos detalhes que podem ocorrer na simplicidade do modo de fazer no encontro do outro, mas na simplicidade das coisas se encontram também toda complexidade que envolve os processos de formação.

Nesse lugar de encontro, destituído do *a priori*, a atividade educativa seria resultado da relação entre os sujeitos que se constroem no espaço escolar. Portanto, temos como

atividade educativa a realização de formas específicas de relações que os sujeitos podem estabelecer entre si, numa forma de igualdade como ponto inicial (RANCIÈRE, 2021). No caso do espaço escolar, isso (o ensinar com o aprender) seria a expressão da didática, em que mostrar algo para o outro é algo que se pauta na especialidade em compreender a escola como lugar que se apresenta na responsabilidade do modo como todos os comuns podem implicar-se com o assunto em questão. Para analisar essa questão do aprender com o ensinar temos como metodologia de pesquisa utilizada neste ensaio algo que se encontra no campo da teoria crítica, tomando como aporte teórico a Filosofia da Educação, tendo como proposição investigativa a teoria psicanalítica, em que consiste em analisar o mal-estar contemporâneo e impasses na educação. Portanto, para se analisar a escola e a democracia, partimos da preposição de Freud (1996), de que existem “[...] três profissões impossíveis — educar, curar e governar” (FREUD, 1996, p. 3216). Essa referência permite abrir outra forma de interpretação, em que a discussão sobre a questão da educação escolar se encontra para além do senso crítico do sujeito da razão esclarecida, pois ocorrem relações intrínsecas entre o aprender e o ensinar no campo das formações do inconsciente, que conduzem para o impossível da democracia na construção da relação de igualdade dos sujeitos entre o aprender e o ensinar com o outro, na efetiva construção da qualidade na educação.

A nossa conclusão se refere diretamente ao elogio da escola como lugar para o exercício da realização da democracia, em que o aprender com o ensinar ocorrem numa relação de diálogo, na plena igualdade em estar presente com o outro. Para tanto, os sujeitos que ali se encontram devem trabalhar para a realização da atividade educativa como lugar de transmissão de saberes, na construção do conhecimento como eixo central para o pleno funcionamento da escola, primordialmente, a possibilidade de estar com o outro. Essa experiência escolar de estar presente com o outro seria a possibilidade da realização da pertinência pedagógica do aprender com o ensinar como elemento que condiz plenamente com a qualidade na educação.

Referencias

FREUD, S. Prefacio para un libro de August Aichhorn. 1925. In: _____. *Obras Completas Sigmund Freud*. v. III. Trad. Luis López-Ballesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva, 1996.

MASSCHELEIN, J. & SIMONS, M. A língua da escola: alienante ou emancipação. In: LARROSA, Jorge (Org.). *Elogio da Escola*. Trad. Fernando Coelho. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

RANCIÈRE, J. Préfácio ao *Le Philosophe et ses pauvres*. In: *Revista Rapsódia*. Trad. Paulo Henrique Fernandes Silveira. São Paulo (USP), n.º 11, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rapsodia/article/view/143784/138428>, acessado em: 06 ago. 2021.

RIBEIRO, M. P. & ZANARDI, T. A. C. As concepções marxistas da pedagogia histórica-crítica de Dermeval Saviani em relação à temática do conhecimento: contribuições ao currículo. Pesquisa realizada com o apoio da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da PUC Minas. *Educação em Revista* [online]. 2018, v. 34 [Acessado 15 Setembro 2021], e186783. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-4698186783>>.

RODRIGUES, R. Apontamentos críticos referentes à cartografia sobre a compreensão em ser professor de verdade a partir de Jacques Rancière. In: *Revista Ciências Humanas UNITAU*. Taubaté: Universidade de Taubaté, Vol. 13, No 1, jan/abr, p. 48-55, 2020.